

## O ensino de flauta doce em um projeto social de Santa Maria

**Guilherme Sampaio Garbosa**  
Universidade Federal de Santa Maria  
[ggarbosa@gmail.com](mailto:ggarbosa@gmail.com)

### Comunicação

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo descrever a experiência do ensino de flauta doce em um projeto social de Santa Maria (RS), o qual vem sendo desenvolvido desde 2017. A metodologia de ensino envolve diferentes ações visando o desenvolvimento musical dos alunos participantes, utilizando uma abordagem de ensino do instrumento a partir do som para o símbolo (MCPHERSON e GABRIELSSON, 2002). Como implicações do trabalho é possível destacar o desenvolvimento musical dos alunos, a percepção auditiva apurada, o desenvolvimento das habilidades de movimento dos dedos, noções claras de dinâmica, articulação, embocadura e altura dos sons. Também destacamos a melhora da autoconfiança e valorização das crianças participantes.

**Palavras-chave:** Educação musical, flauta doce, do som ao símbolo.

### Introdução

Como professor de flauta doce do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Santa Maria as questões relacionadas ao ensino deste instrumento assim como aspectos inerentes à sua aprendizagem vem permeando meu cotidiano. Oriundo do bacharelado, desde 2002, ministro a disciplina de Práticas Instrumentais - Flauta Doce para os alunos de licenciatura em música e através desta matéria pude me aproximar do curso que forma professores, contribuindo com a formação destes futuros profissionais da educação.

Durante a graduação em licenciatura em música, os alunos estudam flauta doce ao longo de quatro semestres e em aulas coletivas de duas horas de duração. Eles seguem um programa que contempla uma sequência de métodos e repertórios com grande ênfase em canções folclóricas de diversos países. Durante todo o período de aprendizado de flauta doce, os alunos participam de recitais coletivos e tem a oportunidade de executar peças de

diferentes níveis de dificuldade e formações instrumentais. Entre o segundo e o terceiro semestres, é solicitado aos alunos uma atividade pedagógica de extensão, na qual eles devem ministrar aulas de flauta doce em espaços selecionados para que possam ter experiências com o ensino do instrumento, tão importante no processo de formação como futuro professor de música. Os espaços onde vão ser ministradas as aulas ficam a critério dos alunos (Garbosa, 2009).

Sobre esta experiência, a acadêmica da licenciatura em música Regina relata que “dar aulas de flauta doce e elaborar relatórios semanais durante a disciplina de Práticas instrumentais é extremamente importante para que o licenciando crie suas próprias estratégias de ensino”. Nesta perspectiva, Ivo e Joly (2016, p. 2) ressaltam: “acreditamos serem necessárias a realização de propostas que possibilitem um maior contato com esse instrumento aos licenciandos (ou licenciados) que têm/vêm a flauta doce como sua principal ferramenta de trabalho”.

Neste sentido, ensinando flauta doce para futuros professores de música e refletindo sobre o ensino do instrumento sobre diversos aspectos, resolvi ampliar o projeto de extensão, existente que coordeno desde 2005, o qual contempla ações de ensino instrumental em diferentes núcleos, envolvendo bandas, escolas de educação básica e projetos sociais.

Assim, em agosto de 2017 iniciei um trabalho de ensino coletivo de flauta doce em um projeto social de Santa Maria, o qual atende crianças de 7 a 14 anos. De acordo com Ivo (2005 p. 1) “no ensino de flauta doce, é muito comum a utilização das práticas coletivas, seja através da formação de grupos ou das aulas coletivas”.

Os alunos frequentam o projeto no contra turno da escola, ou seja, aqueles que estudam pela manhã frequentam o projeto a tarde e vice-versa. Salientamos que o ensino de música vem ganhando espaço em projetos sociais e, neste sentido, Santos (2006 p. 1) afirma que “entre as diversificadas práticas e suas formas de ensino e aprendizagem da música na sociedade contemporânea podemos destacar, ao longo das últimas duas décadas, a forte ascensão dos projetos sociais”.

Nesta perspectiva, as atividades propostas neste projeto social são realizadas de maneira voluntária, contribuindo sobremaneira, na formação das crianças e adolescentes

que frequentam o espaço. No que se refere à educação musical, no projeto são oferecidas as oficinas de percussão e flauta doce, oportunizando a musicalização e a aprendizagem instrumental naquele espaço.

## **Vamos tocar flauta doce?**

Em agosto de 2017, quando procurei a professora responsável pelas atividades das crianças falei do projeto e ela logo abraçou a ideia. No início, consegui emprestado do Laboratório de Educação Musical, do Centro de Educação da UFSM, dez flautas para que pudessem ser utilizadas no projeto, sendo utilizadas durante todo aquele semestre.

No final do ano, conversando com familiares e comentando sobre o projeto, consegui uma ajuda de custo para a compra de 10 flautas doces soprano que agora se encontram efetivamente no projeto social. Deste modo, as crianças têm as flautas para que possam estudar durante a semana em horários determinados pela professora responsável pelas atividades do contraturno.

No que tange à metodologia de trabalho, as crianças foram divididas em dois grupos: um grupo com crianças de 7 a 9 anos e outro de 10 a 13 anos. Semanalmente, cada grupo tem meia hora de aula, sendo a maior parte do tempo centrado no aprendizado da flauta doce, e no final da aula de cada grupo, realizamos exercícios de ritmos e pulsação.

Salientamos que tanto o ensino da flauta doce quanto os exercícios rítmicos são realizados sem partituras e sem leitura da notação musical. A metodologia de ensino prevê, inicialmente, um trabalho direcionado ao som, ao aprendizado de músicas de ouvido, trabalhando assim a percepção auditiva. A leitura musical deverá entrar posteriormente, em um outro momento. De acordo com McPherson e Gabrielsson (2002 p. 99) “proeminentes professores de instrumento através da história defendem que o tocar de ouvido deveria ser enfatizado antes da introdução da notação”.

Assim, as aulas de instrumento no projeto seguem esta metodologia de trabalho, ou seja, o som antes da notação musical. Há um foco na exploração do instrumento, da sonoridade, dos dedilhados, da embocadura, da dinâmica e no cantar as melodias, possibilitando o desenvolvimento musical antes da inserção dos aspectos teóricos.

Na revisão bibliográfica realizada observamos que outros educadores também são adeptos desta abordagem. Mason (apud MCPHERSON e GABRIELSSON 2002 p. 101) afirma que “estava convencido que crianças devem primeiro experimentar a música antes do aprendizado da leitura da notação musical”. Na mesma linha de pensamento, James Mainwaring, pesquisador e educador musical britânico, relata que “estava convencido que o aprendizado de um instrumento deve proceder do som ao símbolo, não do símbolo ao som” (MAINWARING apud MCPHERSON e GABRIELSSON, 2002 p. 102).

Sloboda (apud MCPHERSON e GABRIELSSON, 2002 p. 104) em uma analogia com a língua falada, relata que “ninguém consideraria ensinar uma criança normal a ler enquanto ela estiver no estágio inicial de aprendizagem da língua falada”.

Observamos nestas colocações que estes autores estão de acordo que o som deve vir antes do símbolo e que a criança primeiramente precisa desenvolver a audição, ter uma conscientização sonora para depois entrar na simbologia e na notação musical.

Com base nesta abordagem, desenvolvemos a seguinte metodologia: primeiramente as crianças aprendem a soprar o instrumento, a entender o quanto de ar é preciso para produzir som no instrumento. Inicialmente são feitos exercícios soprando uma folha de papel para que as crianças tenham noção de um sopro fraco e de um sopro forte. Após disso, introduzimos a flauta doce a partir de noções básicas de respiração, comentado sobre a importância de inspirar pela boca e a importância das pausas para o descanso e para a preparação de uma nova respiração.

O próximo passo é o tato no instrumento: sem soprar, apenas segurando o instrumento, fazemos uma série de exercícios de tato na flauta doce, verificando onde ficam os orifícios, como eles serão fechados, qual a parte do dedo que será utilizada, qual a posição e ângulo da mão para fechar os orifícios. A partir disso, fazemos uma série de exercícios para desenvolver o controle dos dedos e sentir a relação dedo-orifício e neste momento é solicitado para que cada criança observe os dedos do colega ao lado para ver se está fechando adequadamente os orifícios na flauta doce.

Seguimos com a descoberta da flauta e iniciamos com os primeiros sons no instrumento, começando com as notas da mão esquerda, notas si, lá, sol, dó e ré, nesta sequência. O trabalho com a mão esquerda se estende por bastante tempo e durante este

período começamos a trabalhar melodias que utilizam somente as notas trabalhadas. Enfatizamos sempre como deve se comportar a mão direita, uma vez que ela servirá, neste momento, basicamente para o apoio do instrumento.

Neste estágio dos primeiros sons, das primeiras notas com a mão esquerda, é enfatizada a articulação com o uso da língua, fundamental na emissão das notas nos instrumentos de sopro. O uso da sílaba Tu é aplicada desde o início e sempre lembrada e checada. Segundo Santos e Santos Junior (2012, p. 8) “o “T” é uma articulação enfática, precisa e muito direta, pois a ponta da língua está mais próxima do canal da flauta”.

O cantar faz parte de todo o processo no ensino da flauta doce e toda melodia é primeiramente tocada pelo professor e depois cantada pelo grupo inúmeras vezes. Trabalhamos a melodia a partir do canto antes de irmos para o instrumento, pois com a melodia já internalizada fica mais fácil o entendimento dos dedilhados das canções. Cantamos primeiramente com a letra da canção e depois com os nomes das notas para que os alunos fixem mentalmente as alturas das notas.

Os dedilhados são trabalhados lentamente e procuramos fazer exercícios que envolvam a troca de dedos e de notas para um melhor desenvolvimento motor. Repetimos os exercícios intercalando uma vez com som e outra sem som, somente digitando na flauta, sem soprar. Os alunos precisam entender os movimentos dos dedos, fechar bem os orifícios e aliar a isto um sopro coerente que resulte numa boa execução. Ressaltamos que o canto é intercalado com as sessões de execução instrumental, pois sempre voltamos para a melodia cantada como base para o entendimento musical.

Neste período o conceito de dinâmica é introduzido lentamente no ensino da flauta, pelo menos para o entendimento do que seja forte e piano. A noção de níveis de dinâmica já começa a ser construída e incorporada na execução da flauta, pois toda flauta doce, que vem do italiano dolce, suave, tem um limite sonoro. Entender este limite sonoro e administrar a quantidade de ar na execução é de extrema importância neste estágio de aprendizagem no instrumento, pois levará a um controle contínuo e sistemático.

Uma vez trabalhadas todas as notas da mão esquerda, iniciamos com as notas graves do instrumento, utilizando a mão direita. A metodologia se mantém, ou seja, cantando as canções, depois fazendo exercícios motores de mudança de notas,

primeiramente sem som e depois com som. Com o conhecimento das notas graves é necessário o entendimento da embocadura que difere bastante das notas mais agudas. O soprar leve e o relaxamento da embocadura se fazem necessários, de modo que são realizados exercícios para a flexibilidade da embocadura para melhor execução dos sons graves.

Durante todo o processo de ensino de flauta doce, os alunos mais adiantados ou que tem mais facilidade no instrumento vão ajudando aqueles que tem maior dificuldade, sempre num processo de acompanhamento e observação do professor. Quando ensinamos estamos refletindo e aprendendo sobre as nossas próprias ações quando tocamos um instrumento.

O próximo passo é a introdução das notas agudas na flauta doce e o conhecimento da tessitura do instrumento. Salientamos que as notas com bemóis e sustenidos são introduzidas à medida que as canções apresentem estas notas, sendo as notas fa# e sib as primeiras a serem ensinadas.

A cada nota nova é realizado uma série de exercícios de dedos para a fixação e o desenvolvimento dos respectivos dedilhados, utilizando a mesma metodologia, ou seja, primeiramente se faz as trocas de dedilhados sem som, focando no movimento dos dedos e, posteriormente, tocando normalmente. Uma vez compreendidos e fixados os movimentos e trocas de dedos, o próximo passo que é tocar o instrumento fica mais compreensível para o aluno, pois o domínio dos dedilhados é mais facilitado.

No final de cada aula é dada ênfase aos exercícios rítmicos e de pulsação, trabalhando-se noções básicas de figuras rítmicas e movimento corporal atrelado à pulsação. Neste momento os alunos ficam em pé e fazem uma série de exercícios propostos, reproduzindo com palmas as variações de padrões rítmicos feito pelo professor.

Nestes exercícios os alunos vão aprendendo a sentir a pulsação atrelando diferentes padrões rítmicos que são repetidos e internalizados. Num jogo lúdico com os alunos, enquanto todos mantêm a pulsação, o professor trabalha diversos padrões rítmicos e vai escolhendo individualmente os alunos para que eles repitam a figura rítmica realizada. Esta brincadeira rítmica promove a concentração uma vez que as crianças não sabem quem será o/a escolhido (a) da vez e se empenham ao máximo para reproduzir o ritmo sem erros.

Salientamos que os alunos também fazem os exercícios olhando para o professor e depois de costas, pois assim tem que desenvolver a percepção auditiva para perceber com detalhes as variações rítmicas.

Esta dinâmica de trabalho tem contribuído na formação musical dos alunos, e através dela eles sentem a pulsação, aprendem a diferenciar diversos padrões rítmicos que estão presentes nas canções que eles tocam na flauta, ampliando desta forma o seu vocabulário musical aural (GORDON apud MCPHERSON e GABRIELSSON, 2002).

## **Considerações finais**

A flauta doce é um instrumento com um enorme potencial para a musicalização, pois além de ser pequena, apresenta baixo custo e é de fácil acesso. De acordo com Marques (2012 p. 2),

A flauta doce é um instrumento que tem uma vocação natural para a musicalização. Seu som é suave e de fácil emissão. A digitação segue uma lógica simples e natural proporcionando resultado consistente num curto período além de ser um instrumento de baixo custo, acessível a grande parte da população. (MARQUES, 2012, p.2)

As aulas coletivas de flauta doce no projeto social de Santa Maria tem me possibilitado uma grande satisfação como professor ao ver o envolvimento, o desenvolvimento musical dos alunos e ao observar o potencial de musicalidade que muitas crianças demonstram no aprendizado da flauta doce. Neste sentido, Souza (2011 p. 147) observa que “o ensino da flauta doce pode contribuir significativamente para o desenvolvimento musical dos alunos, principalmente quando conduzido em grupos, ampliando seus universos e produzindo paixões”.

Salientamos que o ensino coletivo de flauta doce neste projeto tem proporcionado a elevação da autoestima das crianças, a socialização, melhorias na concentração, a aprendizagem de diferentes repertórios e o acesso ao ensino instrumental.

A metodologia utilizada com os alunos, onde a iniciação ao instrumento se dá pelo som e não pela leitura da partitura (MCPHERSON e GABRIELSSON, 2002), tem demonstrado um grande diferencial na aquisição das diversas habilidades inerentes ao estudo da flauta

doce. Esta exploração do instrumento pelo aluno, sem partituras, tem se mostrado um caminho adequado também para o desenvolvimento das futuras habilidades de improvisação. Segundo Gordon (apud MCPHERSON e GABRIELSSON 2002 p. 102 ) “tocar de ouvido e improvisar são ingredientes essenciais para uma aprendizagem efetiva durante os estágios pré-notação musical do desenvolvimento musical da criança”.

A introdução à partitura e aos códigos da notação musical será um passo posterior, quando os alunos tiverem mais familiarizados com a flauta, explorando-a de diferentes formas, e tocando muitas canções de ouvido. O treinamento auditivo e motor, através do controle e dos movimentos dos dedos, tem sido foco do trabalho e, neste sentido, o desenvolvimento musical dos alunos é visível. Em síntese, resalto que é gratificante como professor ver nas crianças o prazer com a flauta doce e a satisfação com as aulas que são realizadas de forma lúdica.



## Referências

GARBOSA, Guilherme Sampaio. O ensino de flauta doce no curso de licenciatura em música da XXXX. XVIII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2009, Londrina. *Anais*. Londrina: ABEM, 2009. P. 844-850.

IVO, Lais Figueiroa. A prática coletiva de flauta doce no ensino superior: uma investigação de três grupos musicais ligados à universidades. XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2015 Natal. *Anais*. Natal: ABEM, 2015. P. 01-12.

IVO, Laís Figueiroa e JOLY, Ilza Zenker Leme. A flauta doce na educação musical: uma proposta de formação continuada de educadores musicais. XVII ENCONTRO REGIONAL DA ABEM SUL, 2016, Curitiba. *Anais*. Curitiba: ABEM, 2016. P. 01-13.

MARQUES, Monica. O ensino de flauta doce nas aulas de música da escola. Maringá: [www.dmu.uem.br/pesquisa/index.php?conference=forumed...page](http://www.dmu.uem.br/pesquisa/index.php?conference=forumed...page)... Acesso em: 09/07/2018.

MCPHERSON, Gary e GABRIELSSON, Alf. From Sound to Sign. Oxford: Oxford University Press, Ed. Richard Parncutt & Gary E. McPherson. In: *The Science & Psychology of Music Performance: Creative Strategies for Teaching and Learning*, 2002. P. 99-115.

SANTOS, Carla Pereira dos. Projetos sociais em educação musical: uma perspectiva para o ensino e aprendizagem em música. XVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM MÚSICA, 2006, Brasília. *Anais*. Brasília: ABEM, 2006. P. 01-05.

SANTOS, Aparecida Schmidt e SANTOS JUNIOR, Miguel Pereira. Flauta doce como instrumento artístico: uma experiência em sala de aula. *MEB - Música na Educação Básica*, Londrina, vol. 4, p. 32-47, 2012.

SOUZA, Zelmielen Adornes de. *Construindo a docência com a flauta doce: o pensamento dos professores de música*. Santa Maria: Dissertação de mestrado, UFSM, 2012.